

CORPO SUTIL E IMAGINAÇÃO ATIVA:

Fronteiras entre o inconsciente psíquico e o inconsciente

somático

*Dr^a Sonia Lyra**

Resumo: Experienciar e trabalhar com o inconsciente somático traz consigo um profundo valor espiritual, gerando, ao mesmo tempo, uma capacidade de encontrar ordem e significado em estados caóticos, evocando fundamentalmente a alma e o sentido mais puro da vida. Tal experiência ocorre entre duas pessoas, num vínculo relacional. O que importa nesse processo não são os estados de transferência e contratransferência ou de projeção e introjeção, mas, sim, a percepção de um campo intermediário, que Nathan Schwartz-Salant, denomina *campo interativo* ou o que Jung denominou *corpo sutil*. Muito mais tangível que o inconsciente psíquico, o inconsciente somático favorece a prática da Imaginação Ativa, quando então a estrutura psíquica de um indivíduo se transforma. Nossa proposta é investigar o desdobramento desses conceitos para além das fronteiras que os definem, uma vez que a estrutura interna é resultado, principalmente, da experiência dos processos de campo, particularmente, do problema da encarnação das dimensões arquetípicas atuantes no campo interativo relacional. Neste caso, a Imaginação Ativa traz consigo um poder de transformação que dá acesso aos mistérios maiores da espiritualidade, isto é, o diálogo bem focado, remete a um espaço de relações que não é concebível nos termos tridimensionais tradicionais. Por exemplo, na relação analítica, o analista deve estar atento à formação das assim chamadas “bolas narcísicas”, isto é, às resistências contratransferenciais que se ocultam nos não ditos, impedindo a fluidez da comunicação, uma vez que esse tipo de estrutura impede a dissolução das “bolas narcísicas” criando certos “congelamentos” estruturais e, com isso, impedimentos profundos para o processo de individuação.

* Pós-doutoranda em Filosofia pela UFPR; Doutora em Ciências da Religião pela PUC-SP; Mestre em Filosofia pela PUC-PR; Analista didata pela IJPR - Associação Junguiana do Brasil - AJB/ IAAP; Diretora de Ensino IJPR; Diretora do Dpto. de Psicologia Analítica e Imaginação Ativa AJB; Diretora do Ichthys Instituto; Professora; Fotógrafa; Escritora de várias obras. E-mail: sonia@ichthysinstituto.com.br

Palavras-chave: Corpo sutil. Imaginação Ativa. Campo relacional. Processo de individuação. Fronteiras.

INTRODUÇÃO

Todo o trabalho aqui desenvolvido está baseado na obra excepcional de Nathan Schwartz-Salant: *La relazione* (SCHWARTZ-SALANT, 2002). Baseado na obra de Jung, este autor sai em busca de uma “terceira área”, que é criada entre duas pessoas e que, por sua vez, pode ter um efeito transformador na estrutura interna de cada um dos dois. Esse reino intermediário, esse campo ativado entre ambos, contém em si o verdadeiro mistério da relação, independente do que se possa estar projetando ou não, e que, acima de tudo, consiste em explorar essa “terceira área” ou esse “corpo sutil”.

Ao analisar e explicar essa “terceira área”, Jung encontrou um modo de explicitar o processo de transferência-contratransferência entre os indivíduos, processo este que não pode ser compreendido mediante os conceitos de interno e externo e que, portanto, não oferece como possibilidade as fronteiras da consciência. No entanto, essa “terceira área” tem uma objetividade muito particular: “Uma qualidade subjetiva-objetiva. As projeções individuais não podem ser separadas das tendências objetivas de transformação desde o momento em que interagem com esse ‘reino intermediário’, e nenhuma das duas causa a existência da outra” (SCHWARTZ-SALANT, 2002, p. 26). Esse espaço que é entre o dentro e o fora e não é um vazio tem, portanto, um sentido paradoxal, no qual o indivíduo está concomitantemente dentro e fora, sendo ao mesmo tempo o observador que está contido no espaço ele mesmo. Aí estão inclusas as dimensões arquetípicas onde ocorre, de fato, a maior parte das transformações.

De modo análogo, ao conduzirmos o paciente para o confronto da consciência com o inconsciente, através da imaginação ativa, percebe-se que o espaço que ocupamos parece mudar, e, ao invés de sermos sujeitos observando essa “terceira área”, começamos a sentir-nos como sendo movidos por ela. Tornamo-nos também objeto, e o espaço mesmo e os seus estados emotivos são o sujeito, somos nós mesmos. É nesse espaço que o modo anterior da re-

lação morre e se transforma, criando um novo estado, que se pode chamar de sagrado. É quando também nos tornamos conscientes de um sentido de “unidade” que permeia o ser em solitude e o ser com o outro/partner. Quando experimentamos a intensidade dessa relação o que prevalece é um respeito profundo, lá onde, antes, dominava um sentimento de poder e/ou dominação. Ao ser constelada essa área arquetípica, cria-se essa “terceira coisa” que não pode ser compreendida através dos modelos tradicionais de projeção, pois uma tal área arquetípica não pode ser reduzida a uma soma de projeções individuais.

Para melhor compreender essa “terceira área”, Jung utilizou-se do modelo alquímico, que se interessa não pelo que um indivíduo faz ao outro, mas, especialmente, por um campo ocupado entre ambos. Tratando-se do modelo analítico, este requer uma “tradução” de alguns termos alquímicos, visando apontar para o problema principal de toda alquimia, qual seja, a união de corpo e mente que se conquista através da união de duas almas, ou da união de dois aspectos de uma personalidade singular. Esse dado está particularmente descrito no *Rosarium* (1550), enquanto que no *Splendor Solis* (1582) o foco está na questão da encarnação da vida espiritual na realidade material do corpo.

Campo interativo

Contrastando fortemente com o pensamento moderno, a união dos opostos trás consigo uma questão há muito deixada de lado pela ciência: o *pneuma* do pensamento estóico, que é um dos sinônimos da “terceira coisa” ou do “corpo sutil”, “uma substância mais grosseira que a matéria comum, e mais espiritual, ou a finalidade do espírito, ‘intermediária’ entre as duas e constituída de ambas” (SCHWARTZ-SALANT, 2002, p. 47). Ou seja, na relação entre duas pessoas ativamente ligadas uma à outra, o *corpo sutil* surge como uma experiência de união, uma espécie de “terceira área” dotada de vida própria que duas pessoas podem comungar e, através da qual, podem se transformar.

Essa “terceira área” também pode ser designada por campo interativo entre duas pessoas, sendo que este não pertence a nenhuma delas, mas “tem sua própria finalidade autônoma, desenvolvida através de processos dinâmicos

que vinculam ordem e desordem” (SCHWARTZ-SALANT, 2002, p. 50). Como noções alquímicas, aponta para uma existência que não é nem material nem mental, mas que existe como que de modo intermediário entre mente e corpo, ou seja, que pode ser entendida como *imaginal* e como “corpos sutis”, ou ainda como ideia em nível imaginativo, que pode transformar-se em uma forma de consciência aguda e essencial (visões imaginais) ou como o mistério das uniões. O que quer que seja, seu efeito é abrir os nossos olhos para um novo modo de ver as relações. Alguns desses processos serão lentamente transformados, mas pode ocorrer “de improviso – essa ‘experiência de campo’”(SCHWARTZ-SALANT, 2002, p. 51), sendo fundamental a presença de um certo grau de “iluminação”, sem o que não pode ocorrer nenhuma transformação.

Para Salant, campo interativo é o campo “intermediário” entre o campo do inconsciente coletivo e o reino da subjetividade, mas, ao mesmo tempo, a intercessão de ambos. “Eu acho que o conceito de campo pode ser uma ótima representação, em termos modernos, da ideia-chave dos alquimistas, a de ‘corpo sutil’” (SCHWARTZ-SALANT, 1998¹). Enquanto reino intermediário entre espírito e matéria, no qual é ativada uma visão imaginal em uma “unicidade do processo”, o ‘campo interativo’ é considerado o conteúdo dos processos que dois indivíduos podem experimentar como a sua díade inconsciente, e dos modos nos quais essa díade se modifica e os modifica” (SCHWARTZ-SALANT, 2002, p. 67).

O campo interativo exige, porém, que em termos de análise se aceite a ideia da existência de uma área, essencialmente de um “não saber”, na qual o *afeto emergente* seja ódio, raiva, amor ou medo, provenha este do analista ou do analisando. Na minha experiência, compartilho da ideia de que, ao praticar a Imaginação Ativa, a transformação ocorre no corpo sutil, isto é, num reino que não é nem material, nem mental, sendo paradoxalmente, uma interação de ambos.

Inconsciente psíquico & inconsciente somático

¹ Tradução livre da autora.

O estado psíquico de um indivíduo pode ser apreendido através de formas mentais, espirituais e corpóreas.

Jung definiu o inconsciente psíquico como forma mental-espiritual de expressão, e o inconsciente somático como a forma corpórea, sendo ambos complementares no sentido de que provêm do mesmo material, mas através de diferentes meios (SCHWARTZ-SALANT, 2002, p. 162).

O inconsciente psíquico é experimentado em forma de imagens, modelos, causalidade, significados e história, fornecendo imagens dos processos mentais e espirituais, enquanto que o inconsciente somático é vivido em nível corpóreo como sofrimento, desconforto, tensão, opressão, energia/impulso e outros sentimentos e sensações, em cujo estado o corpo passa a ser um contenedor daquele material que é a própria “terceira coisa”, isto é, o que os alquimistas chamaram *Mercúrio*; outros definiram-no como Corpo Astral ou *Corpo Sutil*; também chamado Yesod na Cabala, e Jung o definiu ainda como Inconsciente Somático.

É interessante notar que tal substância/intermédia flui através do espaço, formando longos percursos com os quais fluem também o Eros e a Imaginação, fluxo de ligação que pode conectar corpo e mente. Mas, de todo esse contexto, o agente de coligação é a *imaginação*, que é experimentada no corpo de modo mais tangível e direto que através do inconsciente psíquico. A transformação que se processa no campo relacional transforma também a estrutura psíquica dos indivíduos num repetido “solve” e “coagula” da sua “matéria”, como disseram os alquimistas. “A transformação da estrutura interna é o principal resultado da experiência dos processos de campo” (SCHWARTZ-SALANT, 2002, p. 172).

Imaginação Ativa

A imaginação ativa está diretamente ligada a um “diálogo” interior, provocando, desde que feito adequadamente, uma transformação altamente eficaz em todo o campo, incluindo a conjunção das fronteiras entre o inconsciente psíquico e o inconsciente somático e, naturalmente, a abolição dessas fronteiras.

A nossa vida interior se sente vista e em relação, na medida em que o outro responde à empatia e ao espelhamento, um ponto que Jung sublinhou fortemente em 1952 na sua Resposta a Jó (JUNG, 2012), na qual afirma que a consciência que o homem tem da imagem divina influencia mesmo a consciência de Deus (SCHWARTZ-SALANT, 2002, p. 179)².

A experiência tem revelado que a estrutura interior, quando observada com atenção consciente e experimentada de modo tecnicamente impecável, transforma formas compulsivas e negativamente agressivas, e tantas outras, em formas curativas e amorosas. O inconsciente é *sempre* amoroso com a consciência, quando esta se lhe relaciona com respeito e cuidado. “Jung considerava a Imaginação Ativa essencial para toda análise em profundidade. A importância atribuída ao poder de uma Imaginação Ativa bem focalizada é um marco decisivo da alquimia” (SCHWARTZ-SALANT, 2002, p. 180), e aponta para uma aproximação do mistério quando uma visão espiritual emerge de uma relação com o inconsciente. Para Robert Johnson (1989), o último nível da Imaginação Ativa é a captação da dimensão espiritual, enquanto que Jung diz:

Nas coisas naturais é inerente uma certa verdade que não pode ser vista com olhos externos, mas percebida somente com a mente. (...) Nisso (verdade) consiste toda a arte de libertar o espírito de suas cadeias (...) (SCHWARTZ-SALANT, 2002, p. 180).

CONCLUSÃO

A Imaginação Ativa é, pois, a chave para toda a *opus alchimica*, e o campo relacional externo não é senão um espelho do modo de ser interno dos indivíduos e suas relações consigo mesmos. No entanto, diz Jung, na maioria das vezes o homem moderno não consegue produzir nem mesmo aquela união mental que lhe possibilitaria o acesso a um degrau superior, a conjunção. Para tal, o indivíduo precisará um dia “por mãos à opus (obra), coisa que ninguém poderá fazer por ele” (JUNG, 1990, p. 285). Além disso, alerta que este mesmo homem moderno, deverá principiar com “uma *prima materia* (matéria-prima) insignificante, que de maneira inesperada se apresenta a ele, e outra coisa não é senão uma fantasia desprezível” (JUNG, 1990, p. 285), pois a luz

² Veja-se Lyra (2012).

que aos poucos pode ir surgindo consiste em entender sua própria fantasia como representação de seus próprios processos psíquicos, que se refletirão obrigatoriamente em seu campo relacional, seja nas relações de transferência/contratransferência ou nas relações projetivas como corpo sutil.

REFERÊNCIAS

JOHNSON, ROBERT A. **Inner Work. A chave do reino interior**. São Paulo: Mercuryo, 1989.

JUNG, C.G. **Mysterium Coniunctionis**. OC, vol. III, petrópolis: Vozes, 1990.

JUNG, C.G. **Resposta a Jó**. 10ª ed. OC, vol. 11/4. Petrópolis: Vozes, 2012.

LYRA, S.R. **Nicolau de Cusa: Visão de Deus e teoria do conhecimento**. Curitiba: Lyra, S.R. Ichthys Ed., 2012.

SCHWARTZ-SALANT, N. **The Mystery of Human relationship**. Alchemy and the transformatio of the Self. Nova York: Routledge,1998. Disponível em: < <https://books.google.com.br/books?id=x96EAqAAQBAJ&pg=PT53&lpg=PT53&dq> > acesso em: 15 ago. 2017.

SCHWARTZ-SALANT, N. **La relazione. Psicologia, clinica e terapia dei campi interativi**. Milão: Vivarium, 2002.